BANZAR

Enfrentando o Racismo Institucional

Boletim Informativo do Grupo Técnico Racismo Institucional

Março a Maio de 2019 | Ano 2 | Edição 2

EDITORIAL

Por Carolina Martins/Clara Nunes/Janaina Neres e Lucy de Souza Guimarães Filha

"E não sou uma mulher"?

Essa frase faz parte do discurso proferido por Soujoner Truth, em 1851 ao participar da Convenção dos direitos da Mulher, na cidade de Akron, em Ohio, nos EUA. Nascida em um cativeiro em Swartekill, Nova York, tornou-se abolicionista afro-americana, escritora e ativista dos direitos da mulher.

O discurso de Truth escancara as desigualdades existentes nos movimentos feministas da época, que embora tenham desempenhado um papel importante para a emancipação das mulheres, considerou as demandas e as necessidades das mulheres brancas e elitizadas.

A luta por reconhecimento social, por acesso às universidades e ao voto considerava somente esse grupo hegemônico de mulheres. Afinal, nesse período as mulheres negras ainda eram escravizadas e, muito provavelmente, serviam a essas mulheres brancas em suas casas, cuidando de seus filhos, para que pudessem requerer seus direitos perante a sociedade.

Enquanto essas mulheres brancas, da alta sociedade requeriam o direito a trabalhar, nós mulheres negras, já conhecíamos a dureza do trabalho pesado, não remunerado e desumano desde a mais tenra idade. Como poderíamos ter acesso ao voto, se a educação para nós era algo inatingível? Nunca fomos vistas como mulheres, mas como um objeto que poderia ser vendido e abusado por aqueles que podiam mais.

Na atualidade, ainda tentam nos desqualificar e nos desumanizar. Somos representadas pelas piores estatísticas: Nos altos índices de feminicídio, endossamos o percentual das violências obstétricas, representamos os mais baixos salários e as piores condições de trabalho, somos abandonadas pelos nossos companheiros e, como no período escravagista, vemos nossos filhos sendo arrancados de nós, hoje, pelas mãos do Estado.

O dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, símbolo da luta feminista em memória a morte de mulheres brancas, pouco diz sobre tantas mulheres negras que morreram e, ainda hoje, morrem lutando para além dos direitos civis, pelo direito de serem reconhecidas como seres humanos.

A nossa vida é marcada por lutas! Lutas que nos move e que nos torna mais fortes!

Essa edição do Banzar é dedicada a todas as heroínas negras brasileiras que são exemplos de força e determinação, e que galgaram caminhos árduos para que hoje pudéssemos estar aqui contando a nossa história e exercendo o nosso protagonismo. É uma forma de reverenciarmos a nossa ancestralidade. Ainda temos um longo caminho a ser percorrido, mas unidas somos mais e juntas podemos vencer esse discurso hegemônico ainda tão arraigado em nossa sociedade!

As sessões do Banzar estão divididas em: **"Nada sobre nós, sem nós"**, entrevista com Irani Júnia, que traz as suas dores e lutas de ser mulher negra convivendo com a Doença Falciforme. **"Conhecendo mais/entrevista"**, essa sessão é dedicada às mulheres negras que tiveram destaque em vários espaços da sociedade; **"A voz do profissional"**, traz o relato de Carolina Martins Rabello, mulher negra que nos conta um pouco da sua experiência pessoal e profissional e, as **"Ações do GTRI"**, divulgação das ações desenvolvidas pelo projeto Racismo Institucional: A doença Falciforme e Seus Contextos Sociais

Boa leitura!

NADA SOBRE NÓS, SEM NÓS

Por: Irani Júnia de Oliveira Santos, 46 anos – Integrante da Associação de Pessoas com Doença Falciforme e Talassemia de Minas Gerais (Dreminas) e Conselheira de Igualdade Racial em Contagem/MG

Eu, uma mulher negra com Doença Falciforme não me sinto representada nesse dia, tenho peculiaridades, necessidades que a sociedade em que vivo desconhece. Sou mãe de três filhos e um deles com a doença falciforme. Não existem leis trabalhistas para mim como mulher com a doença, menos ainda como mãe de uma criança com a doença. Hoje, neste presente momento, estou tentando mais uma vez um benefício para meu filho. Temos nossos direitos violados todos os dias. Quando consigo um emprego e penso: 'Dessa vez vai dar certo! Vou pagar minhas dívidas e vamos ter uma vida normal', aí vem a vida e nos traz mais uma crise, mais uma internação, ou seja, mais uma intercorrência da doença falciforme.

Lembro-me que certa vez, eu trabalhava na saúde do município de Contagem e tinha 38 anos, havia passado em um concurso público, portanto funcionária pública efetiva, pensava 'Graças a Deus! Nunca mais vou precisar correr atrás de emprego'. Foi então que tive uma das maiores surpresas da minha vida: iniciei derrames na retina e fiquei com o olho direito todo tampado de sangue e não podia mais sair sozinha. A partir de então, vieram várias sessões de laser na retina e me lembro das pessoas dizendo na Clínica de Olhos da Santa Casa "Você é tão nova para estar aqui! " ou "Quem você acompanha? "

Comecei a ter enxaquecas terríveis e meu corpo não aguentava mais o trabalho. Pedi várias vezes para me mudarem de setor, ou um afastamento, mas eles diziam: "Se piorar a gente faz". Estas palavras soam para mim dessa forma: "Não deve ser tão forte assim, você aguenta! ". Para não sentir mais a pressão das colegas de trabalho e parar de passar mal no trabalho, pedi exoneração após cinco anos servindo ao município.

As pessoas me perguntam: 'Mas por que você não correu atrás dos seus direitos?' Eles me foram negados! Quando não sou eu com crise, é o meu filho. Como cuidar de mim e de uma criança com a doença, trabalhando fora?

Somos ignorados todos dias pelo sistema. Passamos despercebidas por todos. Sei que não somos um assunto interessante nas redes sociais ou em qualquer outro ambiente. Vimos muitas das nossas/os morrerem

nessa luta, mas uma qualidade temos: somos perseverantes e não vamos desistir! Não somos preguiçosas/os, apenas as vezes não nos sentimos bem, vamos continuar lutando!

A minha esperança é que nossos filhos vão crescer e estarão lá nos representando. Sei que todas as vezes que tentei, tive que parar, mas voltei mais forte, mais experiente e com mais certeza do que antes. Enfim, ser mulher negra com doença falciforme é ter que aprender a conviver com as coisas que se mais teme, com o inesperado, com o descaso, com o que resta, com a dor, com o socorro (por incontáveis vezes tive que ser socorrida no ambiente de trabalho por colegas).

Nossa certeza de que o amanhã será muito melhor é o que nos move até aqui, apesar de tudo. Nós estamos aqui e não vamos ceder. Exigimos nossos direitos!

EXPEDIENTE: Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio e Diagnóstico da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (Nupad/FM/UFMG) – **Diretor:** José Nélio Januário. Fundação Centro de Hematologia e Hemoterapia do Estado de Minas Gerais (Fundação Hemominas) – **Presidente** Dra. Júnia Guimarães Mourão Cioffi. **Redação Técnica:** Carolina Martins Rabello; Clara Maria Nunes Oliveira; Jamayra Mirielle Nunes; Janaina Neres; Lucy de Souza Guimarães Filha, Vinicius Theófilo da Rocha Morais. **Instituições realizadoras:** Ministério da Saúde; Nupad/Faculdade de Medicina/UFMG; Fundação Hemominas. **Instituição parceira:** Associação de Pessoas com Doença Falciforme e Talassemia de Belo Horizonte e Região Metropolitana (Dreminas). Centro de Comunicação Social da Faculdade de Medicina da UFMG: **Coordenação e Edição:** Gilberto Boaventura (Reg. Prof. MG 04951JP) ; **Projeto Gráfico e Diagramação**: Luiz Romaniello. **Atendimento Publicitário:** Estefânia Mesquita. **Boletim de Circulação online - www.nupad.medicina.ufmg.br**

Por: Equipe do Projeto Racismo Institucional: A doença Falciforme e seus Contextos Sociais.

As histórias das mulheres – especialmente das mulheres negras – não são contadas dignamente e permanecem negligenciadas nos livros didáticos, já que por séculos foram escritas pela perspectiva do homem branco. Apesar disso, sabemos que inúmeras mulheres, fizeram e fazem parte da construção da história política, cultural e científica do Brasil. O Banzar presta sua homenagem a oito personalidades, dentre as incontáveis brasileiras negras que ocupam posições de destaque nas mais diversas áreas do conhecimento.

Considerada rainha no Quilombo do Quariterê, liderança na luta contra os soldados portugueses no Mato Grosso, **Tereza de Benguela (1822 - †1917)** é imortalizada no 25 de julho, data que simboliza a luta histórica das mulheres negras. Adentrando o ramo da escrita, percussora do gênero abolicionista, a maranhense **Maria Firmina dos Reis (11/03/1822 - †11/11/1917)** autora da obra *Úrsula* e é considerada a primeira mulher a lançar um romance no Brasil. Nascida em Florianópolis/SC, aos 33 anos **Antonieta de Barros (11/06/1901 - †28/03/1952)** jornalista e professora, foi eleita a primeira mulher negra deputada federal do Brasil. Fundou e dirigiu jornais, deixando inúmeras produções escritas nas quais enfrentava o racismo e defendia o acesso igualitário à educação, principalmente para as mulheres.

Cantora, compositora, enfermeira e assistente social, **Ivone Lara (13/04/1922 - †16/04/2018)** conhecida como Rainha do Samba e Grande Dama do Samba, escreveu muitas canções que ficaram imortalizadas nas vozes de cantores renomados, além de ser pioneira da luta anti-manicomial. Filósofa e doutora em Educação pela USP, ativista desde 1980, **Sueli Carneiro (14/06/1950)** ajudou a fundar a organização não governamental Geledés – Instituto da Mulher Negra, primeira entidade negra e feminista de São Paulo, a qual desenvolve trabalhos de relevância nacional nas áreas política, jurídica e da saúde. Imergindo nas pesquisas espaciais, **Marcelle Soares Santos (1981)** doutora em Astronomia pela USP, trabalha como professora

assistente da Universidade Brandeis, nos Estados Unidos, e como pesquisadora do Fermilab, um dos mais importantes laboratórios de física de partículas do mundo. É a primeira brasileira negra a coordenar uma equipe que estuda a matéria escura do universo.

A pedagoga **Nilma Lino Gomes (13/03/1961)** tornou-se a primeira mulher negra a ocupar o maior cargo de uma universidade federal ao ser nomeada, em 2013, a reitora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). Empenhada na luta pelo direito das pessoas com doença falciforme no Brasil, a médica **Joice Aragão de Jesus (11/09/1949)** teve importante atuação no desenvolvimento de políticas de saúde, coordenando a Política Nacional de Atenção Integral às Pessoas com Doença Falciforme. Socióloga, feminista e defensora dos direitos humanos, **Marielle Franco (_27/07/1979 - † 14/03/2018)** militava pelos direitos das mulheres além de atuar no combate ao racismo e a todas as formas de opressão. Foi a quinta vereadora mais votada do Rio de Janeiro e presidiu da Comissão da Mulher na Câmara, até ser vítima m feminicídio político.

Agenda do Projeto

Fique atento as próximas ações do Projeto Racismo Institucional: A Doença Falciforme e Seus Contextos Sociais.

2019

Abril: Evento Multiprofissional
Maio: Evento em (des)comemoração à abolição da escravidão
Junho: Evento em comemoração ao dia 19 de Junho, Dia Mundial da Conscientização sobre a Doença Falciforme
Julho: Evento em comemoração ao dia 25 de julho, dia da mulher Afro-latino-americana e caribenha e dia Nacional de Tereza de Benguela

Para mais informações entre em contato pelos telefones:
(31) 3409-8902/8905/8913 ou pelo email racismo.df@nupad.medicina.ufmg.br

A VOZ DO PROFISSIONAL

Por: Carolina Martins Rabello, Formada em Serviço Social. Colaboradora do Nupad.

Trabalho na triagem neonatal com a doença falciforme desde 2012. Realizo o monitoramento do tratamento das crianças triadas e diagnósticas com a doença facilforme pelo Nupad.

Em 2015, fui convidada a participar do Grupo Técnico Racismo Institucional, no início fiquei receosa por ainda não saber lidar com o assunto, mesmo sendo uma mulher negra. Acredito que essa dificuldade estava relacionada a minha criação familiar, pois para eles, nós negros, deviamos abaixar a cabeça e aceitar tudo o que nos fosse imposto ou retirado, sem questionar.

Participar do grupo possibilitou que eu me reconhecesse como mulher negra, identificasse atitudes racistas e não me calasse diante do racismo. O racismo doí, machuca, mata aos poucos. Primeiro mata os nossos sonhos e depois a nossa alma. Hoje, vejo que o meu amadurecimento enquanto mulher negra e o reconhecimento da minha identidade e ancestralidade transpassam para os meus filhos, e isso é fudamental para combater o racismo em suas múltiplas manifestações e para que eles sejam multiplicadores do antirracismo.

Realizar o monitoramento do tratamento das pessoas com doença falciforme é um grande desafio diário, tendo em vista, o atual retrocesso do Sistema Único de Saúde e assistencia social. Mesmo a doença facilforme sendo a doença genética mais comum no mundo, ainda é pouco conhecida pelos profissionais da saúde, da educação e assistência social, situação essa vinculada ao racismo institucional, que impossibilita uma assistência integral e equânime.

AÇÕES GTRI

Seminário do Nupad aborda racismo sob aspectos históricos e do imaginário social

Quais são as primeiras três palavras que vem à cabeça quando se pensa em África? E quando é sobre a Grécia? A proposta do questionamento foi feita pelo professor da Faculdade de Educação e pró-reitor de Assuntos Estudantis da UFMG, Rodrigo Ednilson de Jesus, em forma de dinâmica, para debater os conceitos de racialismo e racismo. Ele conduziu a palestra final da oficina "Identificando o não dito: Racismo Institucional no contexto da Doença Falciforme", nesta segunda-feira, 11, promovida pelo Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio Diagnóstico (Nupad).

Após categorizar as palavras apontadas nas respostas, o professor destacou que, apesar de ter acontecido regime de escravidão na Grécia, essa foi uma palavra anotada apenas para "África", devido à associação que normalmente é feita do povo negro com o regime. E as palavras ligadas à racionalidade e arte foram mais lembradas para a Grécia.

Dessa forma, Rodrigo evidenciou o racialismo como capacidade de se definir uma "raça" sem olhar seu DNA, apenas a partir de traços relacionados ao fenótipo, como a cor de pele. "O racismo acontece quando essa classificação é feita dando valor negativo para determinada raça, como quando se define hierarquias em termos de racionalidade ou cultura, como na dinâmica", explicou.

"A gente não se lembra da escravidão na Grécia, porque a gente não a associa aos sujeitos que foram submetidos à ela. Racializamos no caso da África, mas não no caso da Grécia, porque pensamento e razão não tem raça", argumenta Rodrigo.

Ele destacou, ainda, que esse imaginário sobre as raças, disseminado até mesmo em livros didáticos, contribui para a reprodução do racismo, na medida em que fortalece comportamentos preconceituosos. "E mesmo que o racismo institucional exista independente de ações individuais deliberadas, o silêncio individual contribui para a produção dele", ressaltou, fazendo eco ao tema central do evento.

A oficina

Destinada aos colaboradores do Nupad, a oficina teve como objetivo contextualizar a doença falciforme e as ações desenvolvidas pelo "Projeto Racismo Institucional: A Doença Falciforme e seus contextos sociais", de forma a promover diálogo e favorecer o conhecimento e sensibilização ao tema.

Para o participante José Vicente Alves, técnico em Tecnologia da Informação do Nupad, a palestra do pró-reitor teve um importante papel de questionar comportamentos e tirar dúvidas quanto ao tema. "Com o raciocínio que ele construiu, ele soube colocar algumas questões de forma a nos fazer não só saber sobre o racismo institucional, mas também refletir como a gente trabalha isso dentro da gente e externaliza, para não deixar o silêncio reproduzi-lo", opinou José Vicente.

Para saber mais sobre o GTRI encaminhar dúvidas e sugestões entre em contato pelos telefones (31) 3409-8902/8905 ou E-mail: racismo.df@nupad.medicina.ufmg.br